

Nota de Imprensa

Morte ao Design! Viva o Design! O objecto em reflexão, 1980-2000

MUDE, Piso 1 (c. 800m2)

2 Out. 2011 – 15 Jan. 2012



Em 1958, Bruno Munari dá vida a um garfo, sugerindo emoções, atitudes e estados de alma. Dezasseis anos mais tarde, Alessandro Mendini lança fogo a uma cadeira colocada sobre um pedestal, questionando o próprio arquétipo de *cadeira*. Hoje, vivemos uma época em que a natureza dos objectos comuns e o modo como nos relacionamos com eles passam por uma profunda mudança, dissociando-se a utilidade do seu significado e formatividade.

A exposição *Morte ao Design! Viva o Design!* apresenta uma selecção do acervo do MUDE – *Museu do Design e da Moda, Coleção Francisco Capelo*, com o propósito de contribuir para o tema em debate na Bienal EXD'11 e aprofundar o estudo, divulgação e internacionalização da colecção do museu. Centramo-nos no contexto pós-

modernista, onde a função se dissocia da forma, e no subsequente escrutínio à identidade, natureza e fronteiras da disciplina do design. Em debate a própria noção de objecto – valor, símbolo, representação, linguagem e estetização.

A partir de 1980, os herdeiros dos movimentos Anti-Design e Design Radical – que, desde finais dos anos 60, preconizaram uma crítica ao postulado racionalista pela sua cumplicidade com o sistema de produção – aprofundam uma pesquisa que questiona a própria definição de design e o seu património, abrindo um caminho que conduz até à actualidade. Falamos de autores tão diversos como Gaetano Pesce, Ettore Sottsass, Yohji Yamamoto, Comme des Garçons, Martin Margiela, Walter Van Beirendonck, Alessandro Mendini, Andrea Branzi, Peter van der Jagt, Philippe Starck, Danny Lane, Jean Paul Gaultier, Issey Miyake e Rody Graumans... ou de obras que defendem o primado da forma ou se afastam da mera provocação por exigirem um exercício de descodificação e criarem uma relação emocional com o utilizador, exaltando o seu valor expressivo, político, poético e irónico. Foge-se a categorizações e desafiam-se as tradicionais fronteiras entre o design, a arquitectura e a arte, na esfera de influência das pesquisas conceptuais protagonizadas por Marcel Duchamp, Richard Artschwager, Donald Judd, Andy Warhol ou Joseph Kosuth.

Proclama-se a morte do paradigma funcionalista para se exaltar o experimentalismo, a reinvenção e o conceptualismo. Assiste-se a uma reflexão sobre o próprio objecto e a sua utilidade, a herança cultural do Design, a imagem e o seu valor, a relação com o sistema económico e produtivo, o carácter de representação/significação e a relação com a palavra/conceito. Em consequência, o Design vive um momento de grande criatividade, afirmando-se cada vez mais plural, vivo, actuante e abrangente.

Design is Dead! Long Live Design! The object in question, 1980-2000

MUDE, First floor

Out 2 2011 – Jan 15 2012

In 1958, Bruno Munari gives life to a fork, suggesting emotions, attitudes and moods. Sixteen years later, Alessandro Mendini sets fire to a chair placed on a pedestal, questioning the chair archetype. Nowadays, the nature of common objects and the way we relate ourselves with them is in a deep change resulting in the split between its meanings, formats and usefulness.

Design is Dead. Long Live Design! presents a selection of pieces from MUDE – Museu do Design e da Moda, Coleção Francisco Capelo with the aim of contributing to the topic under discussion at Biennale EXD'11 and also developing the study, promotion and internationalization of the museum collection. This exhibition focuses on the Post-modernist period, which dissociates function from form, and the following query on identity, nature and boundaries of the discipline of Design. On debate is the notion of object – value, symbol, representation, language and aesthetics.

Since 1980, the heirs of Anti-Design and Radical Design groups – who since the end of the sixties criticized the Rationalist idea of Design for its complicity with the system of production – goes deeper on a research that questions the definition of Design and its heritage, opening a path that leads to the present. We talk about authors such as Gaetano Pesce, Ettore Sottsass, Yohji Yamamoto, Comme des Garçons, Martin Margiela, Walter Van Beirendonck, Alessandro Mendini, Andrea Branzi, Peter van der Jagt, Philippe Starck, Danny Lane, Jean Paul Gaultier, Issey Miyake and Rody Graumans... or about works that underline form or move away from the simple provocation requiring an exercise of decoding while creating an emotional relationship with the user, extolling its

expressive, political, poetic and ironic values. Escaping from any categorization and defying the traditional boundaries between design, architecture and art, under the influence sphere of conceptual research led by Marcel Duchamp, Richard Artschwager, Donald Judd, Andy Warhol or Joseph Kosuth.

The functionalist paradigm is proclaimed dead and experimentation, reinvention and conceptual research are exalted. We are seeing a reflection on the object itself and its usefulness, the cultural heritage of Design, image and value, relationship with the economic and productive system, nature of representation/meaning and its relationship with the word/concept. In result, Design is living a period of large creativity, becoming increasingly more diverse, lively, active and inclusive.